



Características do Gonzo no Brasil e suas peculiaridades na mídia impressa: revista *piauí*¹

Philippe Gustavo Portela Pires²
Luis Fernando Rabello Borges³

Resumo: A proposta aqui é identificar características de jornalismo Gonzo presentes na revista *piauí*. Enquanto uma publicação impressa voltada antes de mais nada a reportagens, caracteriza-se por si só como uma representante do jornalismo literário no Brasil. E em uma de suas seções, intitulada *diário*, percebe-se de forma mais intensa e sistemática a inclinação dessa revista mensal por uma vertente específica (e mais radical) de jornalismo literário, conhecida como Gonzo. Nesse sentido, foram selecionadas três matérias publicadas na seção *diário*, presentes nas edições 12, 26 e 33, respectivamente de setembro de 2007, novembro de 2008 e junho de 2009, de forma a analisar como se manifesta e é praticado o jornalismo Gonzo em *piauí*.

Palavras-chave: jornalismo impresso; jornalismo literário; jornalismo Gonzo; *piauí*.

Considerações iniciais

Em se tratando de qualidades diferenciadas do jornalismo convencional⁴ a revista *piauí*⁵ assume uma postura exclusiva no atual cenário brasileiro de produções impressas. Ela atua como uma mídia que proporciona qualidade e prazer na leitura, trazendo aos seus consumidores reportagens com características diferentes das convencionais produzidas em outras mídias. O aspecto que caracteriza a *piauí* como diferente é a sua verve literária e textos com aparência de romance, onde o produtor se apega às qualidades do estilo de escrever o texto e à construção de seus sentidos, e não unicamente priorizar critérios de noticiabilidade.

Após uma reflexão sobre os textos da *piauí*, identifiquei que a revista costuma dedicar espaço, em algumas de suas páginas, a uma vertente específica de jornalismo literário, conhecida como Gonzo, a qual se apega a pontos que se diferem das formas do jornalismo convencional.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Acadêmico do 8º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

⁴ Para jornalismo convencional adotamos a idéia de Dader (2007), que coloca que, “no jornalismo convencional, toda afirmação ou declaração, por mais contundente que pareça, sempre pode ser respondida com outra afirmação ou declaração em sentido contrário. O jornalismo convencional mostra, mas não demonstra, e muitas vezes só mostra a parte que parece mais apetitosa ou simpática ao redator ou seu meio de comunicação”.

⁵ O nome da revista é totalmente grafado em letras minúsculas justamente para não manter nenhuma relação com o estado do Piauí.



Dessa maneira, será apresentada neste artigo uma análise dos traços de jornalismo Gonzo possíveis de serem identificados em matérias da revista *piauí*.

Jornalismo impresso

O jornalismo impresso é, sem dúvida, uma das formas mais elaboradas de se difundir informação, pois fornece ao leitor fatos transcritos de uma realidade que é representada através de um discurso jornalístico elaborado para servir ao leitor como fonte de conhecimento e documento histórico.

Desde a invenção do Tipógrafo, por Gutenberg, em 1438, na França, o jornalismo impresso se tornou uma – se não a maior – fonte de informação com legitimidade perante o público, tendo somente na nossa contemporaneidade os primeiros indícios de seu desaparecimento devido ao crescimento do meio digital para difusão da informação. Porém, uma das matrizes que prezam pela qualificação e sobrevivência do jornal impresso é o plano do jornalismo interpretativo, ou seja, as reportagens.

E é nesse plano interpretativo que o jornalismo impresso ganha força para se manter presente entre as fontes de informações. De acordo com o atual diretor responsável pela Central Globo de Jornalismo (CGJ) e colunista do jornal *O Globo*, Ali Kamel, em seu artigo intitulado *Vida longa para os jornais impressos*, de 1997:

Não é essa diferença física entre materiais, no entanto, que me faz apostar na sobrevivência dos jornais. Eles sobreviverão porque fatalmente mudarão o seu conteúdo. Na verdade, estamos em pleno processo de mudança. Já atualmente, os fatos, os acontecimentos, estão cada vez mais na esfera do jornalismo *on-line* e televisivo. Aos jornais, resta o talvez fundamental: a explicação do fato, a sua interpretação, a sua análise, os seus efeitos (KAMEL, 1997).

Dessa maneira, compete ao meio impresso, ainda, a tarefa de levar o repórter ao fato, e fazer com que a produção textual do discurso utilizado para levar o mundo aos olhos do leitor seja mais do que um simples “contar o que acontece”, e traga o leitor para dentro do fato através da leitura do texto.

Jornalismo literário, *new journalism* e jornalismo Gonzo



Segundo Pena, o jornalismo literário significa potencializar os recursos do jornalismo, ou seja:

[...] ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide⁶, evitar os definidores primários⁷ e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (2006, p.6).

Mas no que se difere então o *New Journalism* e o Jornalismo Gonzo dessa vertente literária?

O *New journalism* nada mais é que o movimento de jornalismo-reportagem iniciado nos Estados Unidos nos anos 60, é o típico romance reportagem, ou romance de não-ficção, aos moldes de textos produzidos por jornalistas como Gay Talese (*A mulher do próximo*), Truman Capote (*A sangue frio*), Norman Mailer (*O Super-Homem vai ao Super Mercado*) e Tom Wolfe (*Da Bauhaus ao nosso Caos*), que são os principais autores do gênero.

O novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações diretas, a alusão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu inclusive (TALESE, 1973).

O Gonzo, por sua vez, é definido como o jornalismo totalmente parcial, onde o jornalista é sempre autor e personagem na matéria, tendo total participação na ação. Sempre elaborado em primeira pessoa, outra característica do Gonzo aproximar o leitor do fato de maneira a fazer com que o mesmo se sinta participante de todos os atos e, muitas vezes, o redator se utiliza ainda de suas experiências passadas ou contemporâneas à tessitura do texto para se expressar.

⁶ O lide, na síntese acadêmica de Harold Lasswell, informa *quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para que* (LAGE, 2006, p.24).

⁷ Estes são fontes institucionalizadas, que falam em nome de uma instituição e fornecem, na maioria das vezes, as primeiras informações sobre o assunto. [...] Estas fontes são sempre as primeiras a serem procuradas pelos jornalistas e a sua interpretação primária acaba por ditar o rumo de qualquer notícia (MENDEZ et al, 2009, p.11).



Em sua monografia *Gonzo – O filho bastardo do New Journalism* (2003), Czarnobai define o jornalismo Gonzo em sua captação participativa, não se limitando apenas a observar e narrar. Ele destaca que, para o jornalista oferecer uma maior dimensão de informações, ele próprio precisa viver a experiência. Tornando-se parte do objeto de sua reportagem, o Gonzo jornalista acaba interferindo – ainda que involuntariamente – no destino da história.

Fernanda Paola (2005), na edição nº93 da revista *Cult*, define que para o jornalismo Gonzo é essencial o envolvimento altamente pessoal do repórter, tão intenso a ponto de poder substituir fatos por impressões.

Também conhecido justamente como filho bastardo do *New Journalism*, o jornalismo Gonzo surgiu nos Estados Unidos na década de 60 com o jornalista e escritor Hunter Stockton Thompson, em meio a todo o movimento da contracultura. Todo o movimento daquela década, que colocou todos os valores morais, culturais e políticos dentro do liquidificador, misturando e modificando tudo, atingiu os meios de comunicação e principalmente o fazer jornalístico, que deixava os manuais nas gavetas e primava pela criatividade na hora de escrever textos.

Adepto de técnicas que o aproximam muito mais dos ideais beatniks e hippies (como o obrigatório abuso de drogas, os caóticos métodos de captação e a liberdade criativa na hora de escrever os textos) do que os seus contemporâneos, Hunter dá origem ao que se convencionou chamar de Gonzo Journalism, que ainda hoje é reconhecido academicamente como uma escola de um só autor. O Gonzo Journalism prima pela total anarquia, pelo sarcasmo e pelo exagero. É a tradução mais aproximada dos ideais libertários da época: a busca incessante pelo Sonho Americano - coisa que todos, de uma forma ou outra, estavam fazendo nos Estados Unidos nos anos 60 (CZARNOBAI, 2003).

Jornalismo literário brasileiro: origens e revista *Realidade*

O jornalismo literário se difundia fortemente por todo o mundo na década de 60, porém é inevitável não buscar no passado algumas origens desse formato, particularmente no Brasil, onde hoje temos a revista *piauí*, objeto de estudo deste trabalho.

Um molde de tal estilo é o livro *Os sertões*, de 1902, escrito pelo repórter Euclides da Cunha, onde relata em sua obra a ação do Exército na destruição do arraial



de Canudos, no interior do Nordeste. O advento da obra veio em reportagens feitas em 1897 para o jornal *O Estado de São Paulo*.

Euclides não participou efetivamente até o fim de Canudos, tendo se limitado a atuar como repórter de campo, investigativo, relatando e documentando os fatos antes, durante e após seus acontecimentos.

Euclides não ficou até a derrubada de Canudos, porém, conseguiu reunir material suficiente para a publicação de *Os Sertões: Campanha de Canudos* (1902). Com uma narrativa excepcionalmente real, Euclides conseguiu descobrir um Brasil diferente da representação habitual, o que rendeu fama internacional à obra e ao autor, dando ênfase ao novo estilo então adotado (NUNES, 2008, p. 8).

Outra grande marca da literatura jornalística brasileira foi a revista *Realidade*. Lançada em 1966 pela editora *Abril*, o veículo fomentou uma abordagem diferenciada dos fatos, trazendo o repórter para dentro da ação e lhe dando autonomia para montar o texto de acordo com seu estilo.

Vanessa Candia, jornalista do site *Canal da Imprensa*, em uma matéria sobre Antropocentrismo Literário, define a revista *Realidade* da seguinte maneira:

“O homem era o centro dos fatos” em *Realidade*. É possível observar isso em praticamente todas as reportagens. Ao descrever uma floresta, uma cidade, o espaço, enfim, isso somente ganhava vida quando os pés descalços do seu Sebastião, ou aquela pobre e desmazelada criança entrava em cena. A paisagem, por mais bela e detalhada que fosse pelo jornalista, na maioria, era apenas o palco, o cenário para o personagem principal: a realidade (CANDIA, 2004).

Um dos principais repórteres a trabalhar na revista, José Hamilton Ribeiro⁸ destaca que “os anos 60 foram muito férteis para a experimentação e a busca pela novidade, inclusive na imprensa. Basta perceber que apareceram manifestações semelhantes em diversos cantos do mundo” (*apud* NECCHI⁹, 2007, p. 8).

Revista *piauí*

⁸ José Hamilton Ribeiro é um dos fundadores da revista *Realidade*, e é tido como o “lendário” repórter brasileiro que cobriu a Guerra do Vietnã, perdendo uma perna quando pisou em uma mina.

⁹ Jornalista, mestre em Comunicação Social, professor da Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da PUCRS.



Necchi (2007) também observa que a revista *piauí* retoma o mundo das reportagens, dando ênfase ao texto e não somente ao fato, e no como se passa o fato e não na velocidade com que ele é transmitido. A revista teve sua edição zero lançada em setembro de 2006, porém já vinha sendo anunciada desde agosto daquele mesmo ano na Festa Literária de Parati (Flip) “pelos dois líderes do projeto, o documentarista João Moreira Salles e o editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras” (NECCHI, 2007, p. 3).

Fazem parte da criação da linha editorial de *piauí*, além desses, Mário Sergio Conti¹⁰, Dorrit Harazim¹¹, Marcos Sá Corrêa¹² e Raquel Freire Zangrandi¹³.

Zangrandi salienta que, nesse processo, “[...] eles partiram da idéia de criar uma revista para quem gosta de ler, e apesar de terem feito uma revista para eles mesmos, queriam que ela desse certo” (*apud* NUNES, 2008, p.13).

A repórter ainda revela que a intenção é fazer uma revista boa de ler, divertida e que dê tempo aos repórteres para apurarem os fatos e escrevê-los. “Queremos fazer matérias que sejam interessantes, sejam elas de que natureza forem. Não queremos nos prender a padrões estéticos de texto ou de aspecto visual” (ZANGRANDI *apud* NUNES, 2008, p.13).

Necchi ainda ressalva que “*piauí* não se trata de uma revista de cultura ou opinião, mas de reportagens, com textos que vazam pela página e seguem na folha seguinte” (2003, p. 3).

Ele ainda traz citações da própria revista:

piauí será uma revista para quem gosta de ler. Para quem gosta de histórias com começo, meio e fim. Como não se inventou nada melhor do que gente (apesar de inúmeras exceções, vide... deixa pra lá), a revista contará histórias de pessoas. De mulheres e homens de verdade. Ela pretende relatar como pessoas vivem, amam e trabalham, sofrem ou se divertem, como enfrentam problemas e como sonham. *piauí* partirá sempre da vida concreta (NECCHI, 2003, p. 3).

O mesmo autor encerra suas percepções sobre a *piauí* com a seguinte citação: “Ela dará importância ao que, por ignorado, é tido como insignificante. Tratará de achar

¹⁰ Mario Sergio Conti é um jornalista brasileiro. Foi editor da revista *Veja* e do *Jornal do Brasil*, entre outros veículos. É diretor de redação da revista *Piauí*. Escreveu o livro *Notícias do Planalto, a Imprensa e Fernando Collor*.

¹¹ Dorrit Harazim é jornalista brasileiro, o repórter se consagrou com *O triunfo final de Che*, polêmica matéria que fez para revista *Veja*.

¹² Marcos Sá Corrêa é jornalista e fotógrafo. Escreve na revista *Piauí* e no jornal *O Estado de São Paulo*. Foi editor das revistas *Veja* e *Época*, diretor do *JB*, de *O Dia* e do site *NO*.

¹³ Raquel Freire Zangrandi é produtora de cinema, coordenadora de produção e repórter da *piauí*.



novidades no que, por esquecido, parece velho ou ultrapassado. A revista não será ranzinza nem chata” (NECCHI, 2003, p. 4).

Peculiaridades da análise

Foram selecionadas três edições de maneira aleatória para essa pesquisa, sendo a única exigência que cada uma fosse de um ano (2007, 2008 e 2009). Os textos são da editoria *diário*. Nesta editoria, os textos publicados são relatados por pessoas desconhecidas e famosas em seus cotidianos que normalmente fogem do comum da maioria das pessoas.

A edição 12 traz na seção analisada o texto de Francisco Jaime Alves Barbosa (intitulado *Onze da noite é a hora dos solitários*), um rapaz de 21 anos, morador da Vila Vintém, que relata seu cotidiano de atendente de supermercado da seção de laticínios. Na edição 26, a escritora norte americana Hilary Mantel, de 56 anos, conta sua trama em uma semana no hospital com seu marido (na matéria *Abscessos, aderências, perfurações: nunca me senti tão só*), relatando o atendimento prestado junto com características de suas experiências na ex-profissão de enfermeira. Daphne Merkin, 55 anos, escritora e colaboradora do jornal *New York Times*, completa a seleção da análise, através de sua matéria intitulada *Saindo das Trevas* e publicada na edição 33. Merkin é a que mais se aproxima do Gonzo, contando 8 meses de sua vida em que passou por uma profunda depressão.

Mesmo não sendo uma revista completamente Gonzo, *piauí* traz algumas peculiaridades em seu texto que remetem às características dessa vertente de jornalismo literário. E é em certos aspectos do Gonzo, tais como a ação do relator, suas sensações físicas e psicológicas e suas experiências expostas no texto, a descrição de pessoas, objetos e fatos feitas de uma percepção próxima, o uso dos pensamentos e do exagero para complementar o texto, que a seção *diário* se aproxima e permite o uso de tais recursos para atrair leitores.

Gonzo, texto em ação

No *fazer* Gonzo jornalismo, ter no texto a ação do próprio relator é necessário, pois ela liga as qualidades de informação ao corpo textual, dando assim ritmo e continuidade ao texto. Tal ação pode ser exemplificada como no trecho:



Acordo às 10 horas, ansioso para ir ver o meu irmão. Preciso esperar até as 2 da tarde, que é o horário de visitas, e parece que o tempo em casa não passa. Pouco depois de meio-dia, saio finalmente para o hospital Albert Schweitzer com o meu padrasto. Não é longe. A maternidade fica no 10o andar e a fila do elevador está enorme. Tento subir correndo pelas escadas, mas o fôlego termina no 3o andar. É melhor seguir devagar (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 18).

Outra camada que a ação exposta no texto cria na nossa leitura é a construção das imagens dos fatos na nossa mente. Tal efeito é catalisador para a leitura, pois cria a sensação de presença e participação do leitor no próprio texto.

Por toda a cidade, pessoas menos deprimidas ou nem um pouco deprimidas levavam suas vidas normais, vendo tevê, escrevendo num blog ou jantando mais tarde. Por que eu não era uma delas? Depois de ficar olhando para a escuridão horas a fio, finalmente me levantei, vesti meu robe, e me dirigi ao posto das enfermeiras à procura de mais remédios para dormir (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 18).

Na forma de jornalismo Gonzo, há o mínimo de preocupação em informar, o texto é construído com total interesse no prazer de apenas ser lido, ou muitas vezes apenas escrito. Por isso, tal formato é pouco utilizado nas mídias convencionais, ganhando adeptos somente em mídias consideradas alternativas ou para um público seletivo.

Ainda analisando o campo das ações dos personagens e mixando essa característica Gonzo de despreocupação, temos na edição 33 o exemplo: “Haveria novos livros para ler, novos filmes para assistir e novos restaurantes a experimentar. Consegui me imaginar escrevendo de novo, o que não me pareceu uma idéia estapafúrdia. Havia coisas que eu queria dizer” (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 19). Que através de uma ação, mostra um fato com continuidade inexata e uma mínima característica de informatividade, presente no jornalismo convencional.

Sensações e experiências

Objetividade, como se nota facilmente, não é relacionada ao Gonzo jornalismo: os pensamentos, sentimentos e sensações invadem o texto constantemente:

Tudo nela está manchado, mofado, descascado. Uma escuridão molhada esbofeteia os prédios. Colina abaixo, faróis rastejam pela avenida principal. Acho que o motorista do táxi se perdeu, o que é mais do que provável. Nunca me senti tão sozinha na vida (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16).



As sensações e experiências também integram texto e leitor, fazendo com que quem leia o texto se aproxime de viver a experiência através de uma sensação psicológica motivada pela leitura, ou até mesmo resgate essa sensação por meio de uma lembrança. O que pode ser notado no excerto: “Perto das 22 horas, chega uma cliente que mora em São Paulo e vem ao Rio para cuidar do pai. Ela só gosta que eu atenda. Hoje pediu para eu estender a mão e esfregou a mão dela na minha. Disse que era para eu lembrar do perfume dela quando fosse embora. Gostei” (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 17).

Não só no caráter sensação e experiência – de maneira convencional – se constrói precisamente essa peça que monta o formato Gonzo. Muitas vezes as experiências precisam ser diferentes, ainda não experimentadas por um grande público e até mesmo não relatadas, sendo elas desconhecidas ou imperceptíveis.

Nenhuma das drogas funciona de maneira absoluta. Por enquanto, não dispomos de nada melhor que uma forma refinada de adivinhação. Existem cerca de trinta pílulas que atuam de forma não totalmente compreendida sobre os nossos circuitos neuronais e a produção de serotonina, norepinefrina, dopamina e outras substâncias. Ninguém, nem mesmo os psicofarmacólogos que receitam esses remédios, compreende plenamente por que funcionam, quando funcionam e deixam de funcionar. Enquanto isso, os possíveis efeitos colaterais (que podem ir desde tremores ligeiros até a discinesia tardia, um problema raro que leva o paciente a produzir caretas incontrolláveis) são deixados de lado, até não poderem mais ser ignorados (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 16).

Há ainda um caráter próprio do Gonzo, o fato de o narrador ser especialista no assunto sobre o qual elabora determinada matéria. Isso confere confiabilidade a suas descrições, o que é intensificado através da qualidade do tempo ao qual ele se expõe a essas experiências. O seguinte intervalo serve de modelo:

Mais: depois de uma vida inteira de terapia e medicação, que parecem nunca ter conseguido mais que remendar precariamente os buracos que havia em mim, passei a duvidar do conceito de intervenção profissional. É provável que eu entendesse mais de antidepressivos do que a maioria dos terapeutas, por ter experimentado as três categorias de psicotrópicos isolados, ou em combinações, à medida que eram lançados no mercado (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 16).

Dos olhos para tinta no papel

A descrição no jornalismo Gonzo é feita de maneira característica: o leitor quando lê o texto se imagina vendo o que o relator descreve. O criador do texto Gonzo,



quando faz determinada descrição, está presente e vivendo o fato, por isso muitas vezes ele usa em sua descrição também a sua experiência. Um trecho da matéria publicada na edição 12 deixa clara essa propriedade, quando o autor descreve o seu cotidiano. “O movimento só diminui por volta das 23 horas, depois da briga do pão quente. A padaria é aqui ao lado do Laticínios, e eu fico só olhando. Às vezes, quando chega o pão novo, e tem muita gente esperando, parece que essas pessoas passaram o dia sem comer. E são sempre as mesmas” (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 17).

E como todos os outros elementos do Gonzo, a descrição também entrelaça o leitor ao texto, quase como em um texto literário, montando cenários onde há relação do narrador com o tempo, espaço e demais personagens:

Meu marido está no outro lado do hospital e a gente se perdeu. É um prédio desnorteante, que se ergue sem planejamento nenhum num terreno cheio de mato. Deparamos com paredes nuas, com janelas, mas nenhuma porta, olhamos espantados e damos de cara com enfermarias onde os doentes olham para a gente com espanto. Quando encontramos a UTI, a enfermeira-chefe, nem um pouco irritada com o nosso atraso, nos embrulha em aventais cirúrgicos. Lá dentro, não há dia nem noite, mas um silêncio solene, os reconfortantes zumbidos e pios de aparelhos. O paciente está acordado e faz piadas (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16).

Uma particularidade dos textos literários que também se sobressalta no jornalismo Gonzo é o uso de metáforas, para, por meio de comparação, o leitor construir identidades e cenários. O que pode ser exemplificado através do seguinte trecho: “Um dia, no início da minha segunda semana, fui convocada a deixar uma sessão de terapia e me reunir com uma psiquiatra da unidade de ect. Ainda me pergunto se esse breve encontro não terá sido definitivo, assustando-me para todo o sempre. Ela parecia uma carcereira de penitenciária” (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 18).

Pensamentos, o tempero do texto

Expor o que se pensa, ou o que a mente do narrador desenha, é uma característica usual do jornalismo Gonzo.



Adulta, sempre me perguntava como me sentiria se fosse uma pessoa com uma visão mais luminosa das coisas. Alguém que possuísse as ilusões necessárias, sem as quais a vida é insuportável. Alguém que conseguisse se levantar pela manhã sem se deixar aprisionar por pensamentos melancólicos: *Não adianta, é tarde demais, sempre foi tarde demais. Desista, volte para a cama, não adianta. Tanta coisa a fazer. Nada a fazer. Não adianta* (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 14).

Na matéria da edição 26, chama a atenção o seguinte trecho: “Por fim, de modo arrasador, ela diz: “Isso é o que a gente chama de diverticulite”. E é quase irresistível o impulso de responder: “Isso é o que a gente chama de um murro na cara.” Ela encolhe os ombros. “É dessa doença que a gente vai tratar o seu marido”” (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16). No trecho: “Isso é o que a gente chama de um murro na cara”, a personagem relatora expressa seu pensamento carregado de seus sentimentos. Essa qualidade expõe o lado humano do texto, aproximando o leitor da história e dos fatos.

A arte do exagero

Adjetivos são armas perigosas em textos, podem montar ou desmontar qualquer construção feita pelo autor em uma única palavra. Mas em alguns casos o uso, que remete ao exagero, pode dar tom de poesia ao texto e qualificar a leitura, melhorando o entendimento do leitor.

Nas poucas horas em que passava desperta sentia uma exaustão letal, como se nadasse numa piscina de piche. Os recados telefônicos ficavam sem resposta, os e-mails nem eram lidos. A idéia de escrever me era tão estranha quanto uma competição olímpica. Eu mal comia, já perdera mais de 13 quilos. Tinha desistido de qualquer comunicação. Quando falava, era quase sempre sobre suicídio (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 14).

Para tal uso do exagero, certo ritmo alucinado é característico do Gonzo, quebrando as medidas de jornalismo e se atirando de vez no campo literário.



Os hospitais psiquiátricos supostamente sabem garantir a nossa segurança. Mas eu estava em conflito até mesmo com a questão essencial da sobrevivência. Eu não tinha certeza de querer interromper minha espiral descendente, na qual a luz no fim do túnel, como disse certa vez o poeta Robert Lowell, era apenas o farol do trem vindo em nossa direção. Eu me imaginava espatifando na calçada com certa serenidade, com uma sensação de conclusão necessária. As pessoas que tiveram a temeridade de baixar a cortina sobre seu próprio sofrimento – em vez de se deixarem ficar, arrastando os pés, perdidas na esperança de dias melhores – me fascinavam. Mas sempre acreditei que as vítimas do suicídio não percebem que nunca terão uma nova chance. Se você fica deprimido além de certo ponto, acho eu, começa a conceber a morte como um berço, em cujo balanço suave pode se preparar para uma vida nova, cintilante de ineditismo, ainda intocada (MERKIN, In: *piauí*, edição 33, 2009, p. 16).

Drama é um gênero que constitui a posição do ser humano como um animal, faz quebrarmos os paradigmas que criamos para retornar a nossa condição natural de seres vivos e diferenciados dos demais por pensar. No fragmento a seguir, notamos o exagero da colocação do autor para designar uma discrepância social:

Hoje decidi não jantar. Aquela caminhada até o posto 5 às vezes desanima. Comprei um pacote de biscoitos e fui passear um pouco na orla, para sentir aquele cheiro de mar. Assisti a três moleques de rua roubarem um sanduíche e um suco das mãos de um turista e voltei para o trabalho. Não sei por que, mas sempre achei que essas coisas só acontecessem na África (BARBOSA, In: *piauí*, edição 12, 2007, p. 17).

As onomatopéias são exageros da fala humana, reprodução de sons cotidianos em formas gráficas que, quando lidos, assemelham-se aos sons de objetos, animais etc.

Exemplo:

As delícias da enfermaria comum ainda estão à nossa frente. Lá, todo mundo berra. Todas as rodinhas das macas e carrinhos guincham e as portas dos armários, toda vez que são fechadas, estalam *pac pac* como dois tiros de pistola geminados. Uma torneira pinga, *pim pim pim*, abrindo caminho à força no meio do estrondo geral. Rastreio a direção de onde vem o barulho e localizo uma bacia suja numa alcova por trás de um leito (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 17).

Para finalizar, trago à tona a figura de linguagem, que por si só é ferramenta clássica dos textos impressos, para que o leitor, ao natural, construa imagens em sua mente. “À meia-noite e meia, saio e me abrigo embaixo da marquise do prédio, à espera de um táxi para ir para casa. Essa ala do hospital é uma construção precária da década



de 70 que parece querer esfolar a própria pele” (MANTEL, In: *piauí*, edição 26, 2008, p. 16). Neste exemplo, extraído da edição 26, aqui a palavra “pele” é usada de maneira metafórica para representar a aparência da construção.

Considerações finais

Após a análise, foram colocadas à luz da percepção as formas adotadas pela revista *piauí* para incorporar às suas páginas as características do formato Gonzo de jornalismo literário.

A ação do personagem é exposta corriqueiramente no texto; afinal, a seção *diário* é por si só um relato pessoal de uma pessoa sobre determinado tema. O mesmo ocorre com as sensações e experiências postas no texto. Para expor o caráter e apoiar seu texto em qualidades humanas, que atraem e aproximam o leitor, os autores se utilizam desses métodos, comuns ao Gonzo.

Para a maioria das formas de jornalismo a descrição é fundamental, pois leciona o leitor a compreender melhor os ambientes ou estéticas dos fatos, pessoas e objetos. Na *piauí*, a descrição ocorre com toques pessoais do escritor, ou seja, com a qualidade fundamental do formato de descrição abrigado no formato Gonzo.

Compreendidos de maneira perceptível e clara no Gonzo, os pensamentos dos relatores são postos também na *piauí* de maneira direta, ainda que, por não ser implícito, esse pensamento é diretamente ligado ao consciente de quem escreve. Há também nesses mesmos aspectos o uso do exagero, que metaforicamente qualifica expressões de quem cria o texto da revista.

Por fim, pode-se dizer que, em *piauí*, o Gonzo aparece não como uma regra, mas como uma forma quase natural do estilo diferenciado adotado pela revista, que mescla jornalismo e caráter literário. O que se nota é que, a respeito dos estilos adotados para a construção dos discursos da revista, a arte jornalística é mais intensa do que a ciência jornalística.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. A. B. Onze horas é a hora dos solitários. **piauí**, São Paulo, 12^a ed. Ano 1, set. 2007. Diário, p. 16-18.

CANDIA, V. Antropocentrismo Literário. Canal da Imprensa. Engenheiro Coelho, 2004. Disponível em:
<<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/nostalgia/trint8/nostalgia1.htm>>. Acesso em 12 de out. 2009.

CZARNOBAI, A. Gonzo – O filho bastardo do new journalism. Qualquer, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/>>. Acesso em 15 nov. 2009.

DADER, J. L. [Entrevista disponibilizada em 7 de setembro de 2007]. 2007. Disponível em: <<http://www.informacaopublica.org.br/?q=node/25>>. Acesso em 15 dez. 2009.

KAMEL, A. Vida longa para os jornais impressos. Observatório da Imprensa, [S.l], 1997. Disponível em:
<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/cadernos/do2005b1.htm>>. Acesso em: 21 de set. 2009.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006

MANEL, H. Abscessos, aderências, perfurações: Nunca me senti tão só. **piauí**, São Paulo, 26^a ed. Ano 3, nov. 2008. Diário p. 15-17.

MERKIN, D. Saindo das trevas. **piauí 33**, São Paulo, 33^a ed. Ano 3, jun. 2009. Diário p. 14-19.

NECCHI, V. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. Santos. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo, no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

NUNES, J. R. **Revista piauí: O jornalismo literário em função de um público consumidor exigente**. 2008. 29f. Monografia (Habilitação em Jornalismo) - Faculdade Pitágoras de Londrina, 2008.



PAOLA, F. Fato e Ficção. **Revista CULT**. São Paulo, 1993, p. 14.

PENA, F. O jornalismo literário como gênero e conceito. Rascunhos virtuais, [S.l], 2006. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acesso em: 12 de out. 2009.

TALESE, G. Nota do autor. Andre Deak, [S.l], 1973. Disponível em: <<http://www.andredeak.com.br/emcrise/nao-pereciveis/nptalese.htm>>. Acesso em: 29 de set. 2009.